

ATRAVESSAMENTO DE TEMPORALIDADES OU ALGUMA POESIA DE ANA PAULA TAVARES E RUY DUARTE DE CARVALHO*

Laura Cavalcante
Padilha*

Universidade Federal Fluminense

RESUMO: *Leitura de poemas de Paula Tavares e de Ruy Duarte, angolanos, pensando-os como um lugar de atravessamentos de temporalidades diversas e de criação de vozes e letras plurais (Cornejo Polar) que criam o efeito de modernidade, ao mesmo tempo em que, por eles, a tradição autóctone se ressignifica, passando a traduzir o que Octavio Paz chama de efeito do novo, sempre tão caro àquela mesma modernidade.*

Palavras-chave: temporalidades, poesia angolana, Paula Tavares, Ruy Duarte.

ABSTRACT: *Poem reading of Paula Tavares and Ruy Duarte, angolans, thinking them as a place of "atravessamentos" of different temporalities; creation of voices and plural words (Cornejo Polar). They create the modern effect, and, at the same time, the tradition re-starts with new means. Octavio Paz calls it the effect of the new, always so important to that same modernity.*

Keywords: temporalities, angolan poetry, Paula Tavares, Ruy Duarte.

Como ponto de partida deste exercício, tomo duas reflexões dos poetas angolanos Ana Paula Tavares e Ruy Duarte de Carvalho, extraídas, respectivamente, da crônica "Utopias", da primeira, e de uma conferência proferida pelo segundo, intitulada "Tradições orais, experiência poética e dados de existência".

1) Paula Tavares: os poetas têm sobre o comum dos mortais a grande vantagem de poder cultivar, na sua grande lavra de palavras, passados intactos que visitam e tratam para depois distribuir por pequenos trabalhos que nos devolvem a um mundo mais-do-que perfeito e entretanto perdido. (1998, p. 48)

2) Ruy Duarte: a frequência, a intimidade com o registro fixado [...], da poesia veiculada através da expressão oral [...] constitui para mim [...] uma via privilegiada e sempre tida como a mais segura de acesso a uma noção a mais depurada e justa possível do que é afinal a poesia, daquilo que será, em suma, o próprio da expressão poética." (1991, p. 70)

Ambos os escritores aqui convocados deixam patente o papel tutor do passado na configuração dos seus próprios imaginários poéticos e nos de seus iguais. O antigo se faz, pelo exposto, presença viva no instante do próprio ato de criação literária, seja tal ato a resultante de uma pulsão individual, seja a projeção de uma forma coletiva de ver/

* Recebido em agosto de 2005.

* E-mail: lcpadil2@terra.com.br

Membro do Conselho da Revista
Cerrados

perceber o mundo onde tais imaginários se formaram. Assim, o passado e sua reinvenção pela memória tornam-se uma fonte produtora de sentidos e uma espécie de estrada a se oferecer como via de acesso às margens e águas dos rios da história, dos mitos, dos ritos, dos saberes sociais, enfim, onde os sujeitos culturais africanos podiam e ainda podem matar sua sede de alteridade, sempre posta em questão pelo processo colonizatório e suas formas de achatamento das diferenças.

Ouçamos dois modos de reconversão dessa memória pela materialidade do gesto poético:

Paula: No meu altar de pedra
arde um fogo antigo
[...]
neste altar de paus e de pedras
que aqui vês
vale como oferenda
meu corpo de tacula
meu melhor penteado de missangas.
(1999, p. 12)

Rui: Toma, por fim, as jujubas guardadas
na matriz do mundo.
Só as alcança quem chegou aqui.
Estás na fronteira do saber dos homens.
Daqui para a frente é divina
a ciência ao teu dispor.
Foroforondu agora cuidará de ti.
(1989, p. 72)

Nesse processo ritual de revisita ou reinvenção, ganham corpo e voz os rastros de uma memória outra e de um imaginário igualmente outro, expressos em uma língua de origem européia, mas tão angolana quanto as nacionais,

o que se deu quando historicamente aquela língua passou a incorporar e difundir formas de percepção do mundo concreto que resgata e põe em circulação africanamente. Abre-se, por esse processo de tradução, uma espécie de espaço de dissidência e enfrentamento em cuja arena os saberes se cruzam e os sentidos encontram seus limites. Cornejo Polar refere-se, assim, à literatura produzida nesse lugar de atravessamentos, desde o instante em que o colonizado transformou-se em sujeito partilhador de um processo cultural de que em princípio fora excluído. Para o crítico peruano:

tal literatura se torna um campo aberto à insalvável heterogeneidade de vozes e letras plurais e dissidentes, aos muitos tempos de uma história mais assombrosa e densa que a linear, às várias, matizadas e confusas consciências que a cruzam e lhe conferem atordoante consistência. (2000, p. 84)

Desde sua chegada ao mundo da letra, portanto, os produtores africanos se esforçaram para pôr em circulação sua “heterogeneidade de vozes e letras plurais”, atualizando o que Stuart Hall chama de “vocabulários culturais”, única via possível para que se pudessem produzir enunciações outras, traduzindo-se, por elas, temporalidades distintas daquelas com as quais o ocidente se acostumara a lidar (2003, p. 83 e 61). A resistência, os apenas aparentes acatamentos às normas, as desordens, enfim, no que era pensado por esse mesmo ocidente como absoluta linearidade e ordenamento natural, permanecem, ainda hoje, mesmo que sob outras vestes simbólicas, projetando o que Serge Gruzinski classifica como

“comportamentos flutuantes”. Tais comportamentos acabam por criar “misturas e mestiçagens” cuja dinâmica fundamental põe em cheque a primazia do ocidental no mundo planetário em que vivemos (GRUZINSKI: 2001, várias páginas). Outras cartografias identitárias se projetam no mapa das textualidades desenhadas por sujeitos produtores de novos sentidos, bem como de enunciações culturais em diferença.

No caso específico que nos move aqui e agora, vemos que tanto Paula Tavares quanto Ruy Duarte percorrem com sua sabedoria mais velha, por assim dizer, o chão de sua terra, colhendo “na lavra das palavras, passados intactos que visitam e tratam”, repetindo Paula, passado guardado pela memória em cofres vários que são por eles abertos com gozo, afeto, cumplicidade e, mais que tudo, eficácia estética.

Por outro lado, é bom reiterarmos o fato de que vários dos grupos étnicos angolanos ainda hoje existentes, e felizmente para nós, permanecem alimentando, em sua vivência cotidiana, as tradições doadas pelos antepassados às várias gerações anteriores às suas. É o que pesquisadores e/ou viajantes presenciais ou imaginários encontram, por exemplo, ao percorrerem quimbos, senzalas e aldeias onde se encenam os mesmos modos de vida autojustificativos pelos quais o desenho das faces culturais autóctones se manteve, não obstante algumas vezes um tanto modificado.

Convoco, neste ponto, considerações feitas pelo jornalista polonês Ryszard Kapuscinski, cujo relato de viagem à África, no caso específico aqui lembrado a Kumasi, capital do reino de Aschanti, é em tudo e por tudo um instrumento valioso de pesquisa para os estudiosos das culturas africanas. Referindo-se aos modos de vida e

encenações sociais dos aschantis, o repórter esclarece que eles “vivem profundamente ligados à riqueza da sua história, às suas tradições, à sua fé e às suas leis”. E continua:

Em toda a África, as comunidades de maior dimensão têm uma cultura própria especial, um sistema de costumes e valores autónomo, uma língua sua e um conjunto de tabus, tudo extremamente complicado, embrenhado e misterioso. (2001, p. 41)

Para demonstrar a força propulsora da tradição, no espaço literário africano, recorro a Ruy Duarte, mais uma vez, que assim resgata mitopoeticamente a “voz dos Karaw” em “Ensino oral do Koré”. Cito um trecho do longo poema:

Repartamos a carga pelas nossas cabeças
oh filhos dos fragmentadores do céu
unamos a perseverança do aprendiz
à perseverança do mestre.
Transformação!

Acalmai-vos
fragmentadores alados do crepúsculo
eu sou a Palavra
a abóboda celeste
o encontro dos espaços.

A noite é escura
vazia não é. (1989, p. 51)

Também Paula, em “Rapariga”, cumpre as leis simbólico-rituais do resgate, ao encenar um eu-lírico feminino pertencente ao mundo da tradição, para, com a voz deste eu-lírico, em seu fingimento poético, dizer:

Cresce comigo o boi com que me vão trocar
Amarraram-me já às costas, a tábua Eylekessa

Filha de Tembo
organizo o milho

Trago nas pernas as pulseiras pesadas
Dos dias que passaram...
Sou do clã do boi –

Dos meus ancestrais ficou-me a paciência
O sono profundo do deserto
a falta de limite... (1985, p. 27)

É importante ainda acrescentar que algumas dessas comunidades formadoras do mosaico etno-cultural de Angola, representadas artisticamente, são objeto de investigação direta de ambos os escritores, cuja atuação profissional como cientistas sociais e o trabalho de campo – ela, historiadora e ele, antropólogo – acabam por alimentar o seu próprio laboratório poético.

Há um momento textual no romance *Vou lá visitar pastores* do mesmo Ruy Duarte, para alguns um texto incatalogável, em que o narrador parece sintetizar essa vivência dual, atravessada por duas ordens do conhecimento, a científica e a literária, que acabam por fazer com que se transversalize o próprio discurso ficcional. Eis as palavras do narrador:

A consciência, julgo, faz-se de memória, de identificação de factores, de retenção de conceitos, arrumações [...] Não haverá assim quem não seja operador de ficções e a realidade, essa, esvai-se [...] há circunstâncias [...] que mais do que o produto da memória te impõem a evidência de um presente nítido que te situa no próprio lugar

da tua ficção, sujeito incauto desembarcado inteiro no exacto contexto do seu próprio delírio. (2000, p. 106-7)

Esse “desembarque”, esse situar-se “no próprio lugar da ficção”, sempre lugar de delírio e de quase feitiçaria, são situações que servem de elemento impulsionador das próprias efabulações dos dois poetas. Eles se tornam, se penso outra vez com Cornejo Polar, sujeitos migrantes cujos imaginários se encravam em várias culturas, histórias e experiências distintas (POLAR: 2000, p. 131). O leitor fica, por sua vez, fascinado com esse trânsito e com o reforço das falas de um lugar chamado Angola, tal como projetado nas páginas das diversas obras poéticas por Paula e Ruy assinadas. Nelas, o arcaico se torna o instrumento de ruptura pelo qual as estacas da modernidade se firmam e se consegue o efeito do novo por esta mesma modernidade tão almejado, como ensina, por exemplo, Octavio Paz, ao afirmar que o velho de milênios pode ser um começo, desde que proponha uma tradição que, por sua vez, rompa uma outra em curso. Citando-o textualmente:

Todos esos objetos, trátense de pinturas y esculturas o de poemas, tienen en común lo siguiente: cualquiera que sea la civilización a que pertenezcan, su aparición en nuestro horizonte estético significó una ruptura, un cambio. (1984, p. 21)

Vale aqui lembrar, no entanto e também, que, ao lado do efeito de ruptura, ressalta-se um outro, na leitura dos textos poéticos dos escritores, ou seja, o efeito de surpresa – ou como quer ainda, Octavio Paz, uma “estética da surpresa” (idem). Tal efeito ou estética toma de assalto e inesperadamente o imaginário do leitor não

africano, principalmente, quando ele se depara com certos elementos simbólicos adensados na trama dos poemas, elementos que lhe escapam à compreensão imediata. Com frequência, a cadência rítmica, o impacto das imagens, a força das palavras e o apaziguamento, em nosso caso, de uma língua comum partilhada nos abrem para a fruição estética, sobretudo ao percebermos que as imagens tutoras que sustentam os textos, voltando a citar Paz, são concretamente, o “recurso desesperado contra o silêncio que nos invade – cada vez que tentamos exprimir a terrível experiência do que nos rodeia e de nós mesmos.” (1982, p. 135). Essa “terrível experiência” se torna ainda mais dramática quando sabemos tratar-se de sujeitos africanos de enunciação, cujos saberes sempre foram considerados como de menos valia pelas formas hegemônicas do conhecimento que os impérios disseminaram por aqueles mares pelos quais, um dia, aprenderam a navegar.

Ruy Duarte, ao propor, como abertura de sua obra, *Hábito da terra* (1988), a sua “Arte poética”, apresenta-nos, de início, a sua/nossa “Aprendizagem do dizer festivo”. Por ela, desde logo, se demonstra a importância atribuída pelo produtor “às falas de um lugar”, que por sua fala se fazem “universais”. Para tanto, propõe uma espécie de mote que a seguir, e de modo mais e mais depurado, vai conduzindo da prosa poética para o desenho econômico e rítmico dos versos, desenvolvendo e construindo, concomitantemente, vida e texto:

Atento, desde sempre, às falas do lugar, nada sei dos sinais se os não confirmo no encontro da memória com a matriz, quando a carência impõe esforços de equilíbrio não entre o corpo e as formas que o sustêm mas entre as margens de uma paragem breve. (1988, p. 9)

A seguir, vai limando o poema, conseguindo o efeito de depuração que só o trabalho artístico é capaz de assegurar. Fecha-se, na parte 4, a “Aprendizagem”. Dela cito o início e o final:

Não há lugar achado
sem lugar perdido.
Casam-se além, as falas de um lugar,
no encontro da memória
com a matriz.
A ausência, só,
impõe ao corpo a urgência do equilíbrio
não entre o corpo e as formas
da paisagem
mas entre as margens
da permanência a haver.

[...]

Os tempos
do poema
são afinal parcelas
da cadência
de que se faz o corpo
do poema.

De que adianta
iluminar-lhe o chão?
(1988, p. 12-13)

Na segunda parte da obra, reconvertem-se poeticamente provérbios nyaneca e/ou kwanyama, demonstrando-se por eles as insuspeitas possibilidades estéticas escondidas – como nos ritos e mistérios comunitários – nesse manancial simbólico, nascido nos lagos do imaginário angolano. A maior sofisticação

experimental é conseguida, assim, com o jogo dos deslocamentos sígnicos que incorporam até mesmo as pausas e os silêncios da própria fala oral antiga, transpondo-os para o branco chão da página do livro. Rita Chaves, em ensaio sobre o poeta, adverte com propriedade que nessa tentativa de compor o mapa da arte de dizer e, ao mesmo tempo, percorrer a terra, ele investe na luta para encontrar uma palavra tão plena como aquele ‘silêncio que excede a distância’. Seu verso, lâmina afiada, vai cortando as camadas que se possam interpor entre a carne das coisas e seu verbo luz. (1995, p. 199). Em uma das seqüências que aqui quero resgatar é proposto novo mote, através de um provérbio na língua original negritado, a que se segue a tradução em português. Vale explicar que não me atrevo a ler a versão primeira, para não incorrer no risco de um “macaqueamento” da pronúncia dos significantes de uma língua que não domino. O provérbio, pois, já traduzido:

Na mesma figueira frutos de um lado do outro
rebentos,
os homens: nascem uns os outros morrem

Um poço: de um lado areia do outro argila
a terra: de um lado mortes do outro festejos
Kwanyama (1988, p. 32)

Propõe-se, novamente, outro exercício com vários poemas desdobrados a partir do provérbio, movimento pelo qual esse mesmo provérbio ganha a densidade, forma e força de texto poético, com as palavras a se suplementarem nas ranhuras do branco. Eis o de número 3:

inaugurou-se agora uma figueira
figos de um lado do outro crianças

crianças sem dentes do lado da areia

do lado da areia
crianças sem dentes
*crianças sem dentes de um lado com dentes e do
outro argila*

com dentes de um lado do outro rebentos do
lado da areia
*do lado da areia cresceram-lhe os dentes do lado da
argila*

(1988, p. 34)

Na experiência poética reconversora de Ruy Duarte, o absolutamente novo do experimentalismo moderno se casa com o arcaico e os tempos, assim postos, se atravessam, suplementando-se. É o que reencontramos, igualmente, em Paula Tavares que, desde sua primeira obra, *Ritos de passagem* (1985) faz da tradição aquele “repertório de significados” a que se refere Stuart Hall (2003, p. 74), revelando-se por ele, a sua mais que dupla herança. Por isso mesmo, surpreende a poetisa, nos traços e marcas de suas paisagens naturais, também as traduções sígnicas que estas receberam na fala do outro que não deixa igualmente de ser sua própria fala, múltipla e migrante. A abertura de sua última obra poética, *Ex-votos* (2003), é uma prova cabal desse universo cultural igualmente múltiplo onde o seu imaginário se forjou e sua voz, como a de um ser em viagem, insiste em resgatar, sempre com absoluto rigor laboral.

O texto de abertura de *Ex-votos* é transcrito de uma obra de 1854, assinada por Manoel Alves de Castro Francina – *Itinerário de uma Jornada de Luanda ao Distrito de Ambaca* – e se refere à imagem de “Nossa Senhora da Pedra Preta”, como descreve o autor, “imagem de pedra em bruto, que

figura ou representa a imagem da Sra. Sant'Anna" (2003, p. 7). Esse fragmento é o mote primeiro da obra que, como faz Ruy em *Hábito da terra*, começa por expressar-se em prosa. Nomeia a autora esse seu primeiro movimento, em claro jogo de reduplicação, de "EX-VOTOS":

Semeados um pouco por todo o lado de um vasto território existem santuários que, como marcos geodésicos da memória, estabelecem uma especial cartografia de sinais, histórias acontecidas. Ex-votos [...] alertam para o jogo sagrado [...] Ilhas de granito, lentas como certas tardes de calor e poeira, escondem, em ninhos muito afeiçoados, os textos sobrepostos a branco, vermelho e negro, que antigas sociedades da palavra deixaram nas paredes em baixo-relevo. Labirintos do gesto enquanto enleio e, como tal, texto sagrado. (2003, p. 10-11)

"Marcos geodésicos da memória [...] especial cartografia de sinais [...] Ex-votos [...] Labirintos do gesto [...] texto sagrado", eis as marcas que obras de Paula Tavares e de Ruy Duarte imprimem nos seus próprios labirintos de gestos feitos palavras impressas em uma língua pela qual apreendem o mundo – a língua portuguesa – e em cujo seio seus imaginários se formaram. Ambos cobrem sua terra com o manto dos saberes antigos e criam, assim, o *hábito* com que tal terra jamais deixou de vestir-se, através das gerações nunca de todo silenciadas pela dominação do ocidente. Seus textos se sobrepõem aos outros a eles pré-existentes, no jogo eterno de um palimpsesto cultural que, transformado embora, nunca deixou de exibir os riscos inscritos na cera do bloco mágico da memória, talvez o maior de todos os ex-votos.

Para terminar, como comecei, busco de novo as falas poéticas de Paula e de Ruy, tomando-

as como formas outras de ex-votos que só a poesia é capaz de talhar, com seus extraordinários instrumentos construídos por palavras, imagens, ritmos e gestos. Tal trabalho me leva a pensar no das oleiras que ambos tanto gostam de cantar. Suas mãos, como as delas, sabem como as de poucos amassar o barro das palavras, criando formas surpreendentes no que antes era só água e argila.

A voz de Paula: Mukai (2)

O ventre semeado
desagua cada ano
os frutos tenros
das mãos

(é feitiço)

nasce
a manteiga
a casa
o penteado
o gesto
acorda a alma
a voz
olha p'ra dentro do silêncio milenar.

(1999, p. 31)

A voz de Ruy: São os caudais do silêncio
a densidade grata do vazio.
É o silêncio
Tangente às curvas do tempo.

A cama horizontal de uma distância.

(1988, p. 43)

Eis, talhados, esses ex-votos a que só a alquimia do verso e o saber amassar o barro das palavras são capazes de dar forma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Ruy Duarte de. **Ondula, savana branca**. Poesia. 2ª ed. Porto: Asa para a União dos Escritores Angolanos, 1989.

_____. **Hábito da terra**. Poesia. Porto: Asa para a União dos Escritores Angolanos, 1988.

_____. Tradições orais, experiência poética e dados de existência. In PADILHA, Laura Cavalcante (org.). **IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Repensando a africanidade**. Niterói: Imprensa Universitária da UFF, 1995, p. 69-76.

_____. **Vou lá visitar pastores**: exploração epistolar de um percurso angolano em território Kuvale (1992-1997). Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

CHAVES, Rita. Ruy Duarte de Carvalho: **A educação pela terra**. In PADILHA, Laura Cavalcante (org.). **I Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Repensando a africanidade**. Niterói: Imprensa Universitária da UFF, 1995, p. 197-204.

KAPUSCINSKI, Ryszard. **Ébano – Febre africana**. Porto: Campo das Letras, 2001.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. **Los hijos del limo**. 3ª ed. Barcelona e México: Seix Barral, SA, 1984.

POLAR, Antonio Cornejo. **O condor voa: Literatura e cultura latino-americana**. Org. Mario J. Valdés. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

TAVARES, Ana Paula. **Ritos de passagem**. Poemas. Luanda: Lito-Tipo para a União dos Escritores Angolanos, 1985.

_____. **O sangue da buganvília**. Crônicas. Praia-Mindelo: Embaixada de Portugal / Centro Cultural Português. 1998.

_____. **O lago da lua**. Lisboa: Caminho, 1999.

_____. **Ex-votos**. Poesia. Lisboa: Caminho, 2003.